



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - CAMPUS I**  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
CURSO DE LICENCIATURA E BACHARELADO EM ENFERMAGEM

FELIPE CLEMENTINO GOMES

**A PARTICIPAÇÃO CIENTÍFICA DE CONCLUINTES DO CURSO DE  
ENFERMAGEM DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR  
DA PARAÍBA**

CAMPINA GRANDE – PB

2011

FELIPE CLEMENTINO GOMES

**A PARTICIPAÇÃO CIENTÍFICA DE CONCLUINTES DO CURSO DE  
ENFERMAGEM DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR  
DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte integrante da Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento parcial à exigência para obtenção do grau de Bacharel/Licenciado em Enfermagem.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Stélio de Sousa

CAMPINA GRANDE – PB

2011

G633p

Gomes, Felipe Clementino.

A participação científica de concluintes do curso de Enfermagem de instituições de ensino superior da Paraíba [manuscrito] / Felipe Clementino Gomes. – 2011.

**28 f. : il. color.**

**Digitado.**

**Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2011.**

“Orientação: Prof. Dr. Francisco Stélio de Sousa, Departamento de Enfermagem”.

1. Enfermagem. 2. Pesquisa científica. 3. Pesquisa em enfermagem. 4. Estudantes. I. Título.

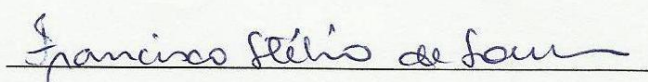
21. ed. CDD 610.7

FELIPE CLEMENTINO GOMES

**A PARTICIPAÇÃO CIENTÍFICA DE CONCLUINTES DO CURSO DE  
ENFERMAGEM DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR  
DA PARAÍBA**

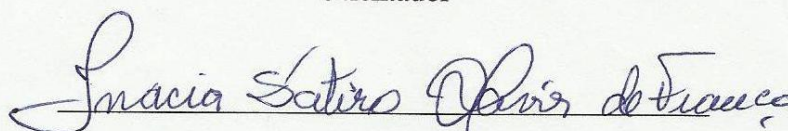
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte integrante da Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento parcial à exigência para obtenção do grau de Bacharel/Licenciado em Enfermagem.

Aprovado em 30/11/2011.



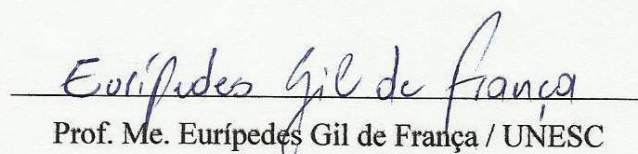
Prof. Dr. Francisco Stélio de Sousa / UEPB

Orientador



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Inácia Sátiro Xavier de França / UEPB

Examinadora



Prof. Me. Eurípedes Gil de França / UNESC

Examinador

## SUMÁRIO

1. Resumo	.....	05
2. Introdução	.....	05
3. Revisão de Literatura	.....	08
4. Material e Método	.....	12
5. Resultados e Discussão	.....	13
6. Considerações Finais	.....	20
7. Abstract	.....	22
8. Referências	.....	23
9. Apêndice	.....	26

## RESUMO

GOMES, F. C. **A produção científica de concluintes do curso de enfermagem de instituições de ensino superior da Paraíba.** 2011. 28f. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Enfermagem, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.

Tratou-se de uma pesquisa transversal, descritiva, exploratória com abordagem quantitativa, realizada em instituições de Ensino Superior em Enfermagem do Estado da Paraíba, que objetivou analisar o perfil de participação científica dos concluintes de enfermagem no âmbito da graduação; conhecer os entendimentos do discente sobre a pesquisa científica; verificar se há estímulo e fomento à prática da pesquisa nas faculdades pesquisadas a partir da fala dos alunos e investigar a produção científica entre os acadêmicos concluintes. A amostra foi constituída por 170 sujeitos, que responderam um formulário de pesquisa entre os meses de outubro e novembro de 2011. Utilizou-se o software Epi Info® para a organização dos dados, que foram tratados pela estatística descritiva e analisados à luz da literatura pertinente à temática. A maioria dos participantes (98,20%) afirmou que era importante fazer pesquisas científicas na enfermagem; 87,8% gostam de pesquisar e a área de maior preferência foi a Saúde Pública (34,10%). Os alunos das escolas públicas participam, em sua maioria, de publicações, projetos de IC e grupos de pesquisa. Detectou-se que as instituições públicas são as que dão maior ênfase na formação em pesquisa, contudo há questionamentos que sinalizam para uma quantidade insuficiente de profissionais para um crescimento mais expressivo. É importante ressaltar que a graduação é o momento oportuno para formação de profissionais orientados para as atividades de pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pesquisa em Enfermagem. Educação em Enfermagem. Estudantes de Enfermagem.

## 1 INTRODUÇÃO

Há quem diga que o conhecimento move o mundo. De fato, a formação de conhecimentos promove uma cultura que transcende o fato de apenas investigar um evento na tentativa de responder a determinada questão. Ela “molda o sistema de valores e estende habilidades necessárias à modificação de parâmetros, constituindo-se assim numa força poderosa para o desenvolvimento da civilização e da própria cultura” (MARZIALE, 2005, p. 285).

Produzir conhecimento é desenvolver-se por conjeturas e refutações, por paradoxos e erros testáveis. É fazer ciência e ter como essência o progresso (COMTE-SPOINVILLE,

2003), assim ganha-se em espaço, reconhecimento e acima de tudo evolução em abrangência, pertinência e profundidade (ERDMANN, 2009).

Na última década, o Brasil, como nação, tem passado por um intenso processo de crescimento, diversificação e amadurecimento em sua produção científica. Tem-se investido e incentivado sobretudo os jovens a pesquisar. Em 1988, quando foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e instituiu-se o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), apenas os pesquisadores e os alunos de pós-graduação tinham acesso às bolsas de estudo. Hoje a Iniciação Científica (IC) conta com uma considerável extensão pelo país, implantada em 78% das Instituições de Ensino Superior públicas e 71% das particulares (TENÓRIO; BERALDI, 2010).

Com a instituição do programa e o envolvimento em especial de graduandos, espera-se que um aluno de IC adentre um mestrado e um doutorado mais precocemente e que parte desses alunos continue a produzir conhecimento e tecnologia por meio de pesquisas após o término do curso, fato que hoje já é considerado plausível com o aumento da oferta e da qualidade dos cursos de pós-graduação no Brasil.

Esse aumento é percebido quando se comparam os dados de 1996 com 2008, quando havia 1.209 programas de pós-graduação no país e esse número se elevou para 2.702 divididos em 1.130 programas de mestrado acadêmico, 44 de doutorado, 244 de mestrado profissionalizante e 1.284 de mestrado e doutorado. Atualmente no Brasil, são formados aproximadamente 10.000 doutores por ano, enquanto no também emergente México, por exemplo, esse número não ultrapassa 5.000 (MACARRI; RODRIGUES; ALESSIO; QUONIAN, 2008).

Nesse contexto, as consequências destes esforços já podem ser vistas. O Brasil subiu da 23ª posição no ranking mundial de artigos publicados em periódicos científicos para o 13º lugar (MONTEIRO, 2011), apresentando especialmente entre 2007 e 2008, o maior crescimento entre as 183 demais nações.

De pouco mais de 19 mil, o país passou a publicar 30.145 artigos representando 2,12% da produção científica mundial e 48,83% da produção da América Latina (OLIVEIRA, 2011), atingindo, segundo o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos do Ministério do Desenvolvimento (2010, p. 15), uma “escala e um padrão de qualidade que o distingue entre as nações emergentes”.

O setor de saúde, nesse contexto, é líder com 20% dos doutores na área, 17% dos grupos de pesquisa e 40% dos institutos nacionais de ciência e tecnologia, com potencial para crescer cerca de 50% nos próximos 10 anos (SOUZA, 2011). As ciências da saúde possuem

50% de probabilidade de criação de 246 novos mestrados e 86 doutorados em todas as áreas. (ROCHA NETO, 2010)

Hoje o Brasil está entre as 20 nações que mais produzem em ciências da saúde. Porém, há disparidades. As ciências biomédicas não evoluem cientificamente de forma equânime. Medicina Tropical, Ortodontia e Ciências Biomédicas despontam como principais áreas em produção de conhecimento em saúde. Outras, como Enfermagem, caminham, segundo Polit, Beck e Hungler (2004, p. 20), de forma “lenta e gradual”.

O processo de cientificação da categoria se dá de forma insuficiente em detrimento do enorme potencial alocado, não conseguindo acompanhar a crescente abertura dos novos cursos superiores no país, acarretando em baixa visibilidade e impacto nacional e internacional. Em 2007 eram distribuídas apenas 642 bolsas para enfermagem das 25.500 distribuídas pelo CNPq para IC (ERDMANN; NASCIMENTO; LEITE; LANZONI, 2010), mesmo com o incremento de 291,5% no número de cursos de graduação em enfermagem no Brasil, passando de 106 para 415 no período compreendido entre 1991 a 2004 (TEIXEIRA; VALE; FERNANDES; De SORDI, 2006).

Depreende-se desse panorama que é nítida a falta de estímulo científico que continua a permear a categoria. A enfermagem, enquanto ciência e profissão tem de se apropriar da pesquisa como um caminho para aprimoramento da sua atuação estimulando-a *a priori* no âmbito da graduação, em que tal prática vem apenas com a obrigatoriedade do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para a aquisição do diploma, forçando os alunos a se dedicarem de maneira mínima e fazendo com que o interesse em produzir cientificamente se dê apenas após a formatura (FERNANDES; PELÁ, 2001), fato que evidencia o relativo despreparo dos profissionais em realizar investigações científicas (PEREIRA, 1999).

O desenvolvimento da pesquisa na graduação apresenta um papel importante para geração de novos conhecimentos, de novas tecnologias e para o desenvolvimento do espírito crítico e reflexivo na formação acadêmica do profissional (CAVALCANTI; PEREIRA, 2008). Um graduando aberto às investigações científicas será um profissional capaz de tomar atitudes, enfrentar o desconhecido e estar sempre atento às novas descobertas, e ainda repensar seus conceitos e ações, inferindo modificações em sua conduta que culminem em práticas eficazes na prevenção de patologias e aperfeiçoamento de tratamentos, tornando-os mais eficazes e menos agressivos.

Faz-se necessário, primeiramente, analisar o estado atual da pesquisa em enfermagem, galgando a melhoria das atividades científicas nos cursos de graduação, valorizando a pesquisa na categoria e contribuindo para um melhor entendimento da área, auxiliando em



políticas que visem estimular e desenvolver a maior interação no tripé pesquisa-ensino-assistência (ARAÚJO, BRANDÃO; LETA, 2007).

Erdmann (2009) deixa claro que a pertinência do conhecimento na área da produção científica na graduação em Enfermagem, em sua amplitude e especificidade, é o que fortalece a identidade/disciplina enfermagem, e que pode nos alicerçar/sustentar às perspectivas de novas configurações da prática profissional.

É com esse pensamento que se pode contribuir não somente no aumento da oferta de bolsas de iniciação científica, mas para que não se perca o momento de ascensão científica vivido atualmente, e acima de tudo para consolidar esta experiência como um processo que deve se iniciar na graduação e ser aperfeiçoado na formação do pesquisador mestre e doutor, como uma ferramenta integradora de pessoas e de momentos de produção, pois, a articulação entre os diferentes níveis de formação/ensino e a integração entre graduandos, mestrandos, doutorandos e o orientador em projetos comuns é uma oportunidade para alavancar o potencial dos alunos e favorecer uma visão sistêmica para além das fronteiras dos projetos de pesquisa (ERDMANN; NASCIMENTO; LEITE; LANZONI, 2010).

Na tentativa de contribuir, de maneira eficaz, para o entendimento da produção científica na graduação em enfermagem e proporcionar ferramentas úteis e objetivas nos processos de avaliação dos resultados da atividade científica, este estudo se propôs analisar o perfil de participação científica dos concluintes de enfermagem no âmbito da graduação; conhecer os entendimentos do discente sobre a pesquisa científica; verificar se há estímulo e fomento à prática da pesquisa nas faculdades pesquisadas a partir da fala dos alunos e investigar a produção científica entre os acadêmicos concluintes

## **2 REVISÃO DA LITERATURA**

A universidade é uma instituição hipercomplexa, criada na Europa Ocidental há mais de mil anos, desenvolveu-se a partir da introdução do método científico na ciência do século XVII. Antes, o “fazer ciência” estava pautado na atividade individual da observação da natureza, a qual satisfazia a empírica aspiração de compreender os fenômenos naturais sem a devida sistematização (FILHO; COUTINHO, 2011).

Inicialmente concebida para guardar e proteger os valores da civilização cristã, a universidade do ponto de vista dialético passou por grandes e profundas transformações que expressam o reflexo de um sistema social, cultural, político e econômico que está em

constante movimento, passando desta forma, a cumprir múltiplas funções, promovendo acima de tudo, inovação na sociedade (FILHO; COUTINHO, 2011). A universidade passou a fazer ciência, a promover uma cultura científica, implicando diretamente na formação de intelectuais e de produtores de conhecimento.

No decorrer da história da ciência, mais precisamente no início do século XIX, o paradigma cientificista juntamente com o desenvolvimento dos diversos saberes, dos avanços tecnológicos, das tendências filosóficas, das inclinações das políticas de saúde, tomam lugar na tentativa de superar a concepção mágico-religiosa vigente. “Nesse época, surge, no campo da Enfermagem, Florence Nightingale, que sistematiza um campo de conhecimentos, instituindo uma nova arte e nova ciência para a qual é preciso uma educação formal, organizada com bases científicas”. (DAHER; ESPÍRITO-SANTO; ESCUDEIRO, 2002, p. 146). Nascia então a Enfermagem Moderna.

Como o modelo de pesquisa nascido na Europa no século XIX só foi introduzido na América Latina após a 2ª Grande Guerra, os conselhos nacionais e agências financiadoras de pesquisa, ciência e tecnologia só vieram a se estabelecer de fato, nos anos de 50 e 60 (AVELAR; TEIXEIRA; SILVA; SABATÉS, 2007). O início da Enfermagem como ciência no Brasil se deu justamente nesta época em que o país contava com pouco mais de 60 mil alunos de ensino superior e a pós-graduação praticamente inexistia (MACARRI; RODRIGUES; ALESSIO; QUONIAN, 2008).

Até então, as manifestações da Enfermagem como ciência eram pautadas em sua prática normativa, de tradições, norteando-se por princípios e proposições extraídas do modelo biomédico que lhe conferiam algum caráter científico, principalmente em relação às técnicas. A partir de então, novas forças foram empreendidas na busca de um conteúdo cognitivo próprio, na formulação de alguns conceitos, bem como no aperfeiçoamento de enunciados existentes. Tornava-se evidente que o domínio do conhecimento era fator indispensável ao desenvolvimento da categoria (TREVIZAM; MENDES; ANGERAMI, 1991).

Na década de 1960, a preocupação pela ordenação sistemática dos conceitos e teorias se intensificaram, culminando em 1964 na realização do 16º Congresso Brasileiro de Enfermagem, na cidade de Salvador (BACKS; LINO, 2009). Este sendo o primeiro sob o tema central "Enfermagem e Pesquisa", no qual a pesquisa científica foi pioneiramente enfatizada na categoria, e questões ligadas ao ensino e à prática passaram a formar o substrato para que a produção em Enfermagem passasse a ser voltada para a prática de temas clínicos, fato atribuído ao manuseio e consumo de equipamentos e medicamentos.

Assim resultou-se em estudos do tipo descritivo e exploratório que tem o mérito de subsidiar novos pontos de partida para projetos que busquem o aprofundamento e o alcance de conclusões que apontem soluções aos problemas estudados (LEITE; MENDES, 2000).

A partir dos anos 70 e início dos anos 1980, a concepção política da pós-graduação e desenvolvimento se estabelecem como um nicho institucional legitimado da pesquisa no país (CAVALCANTI; PEREIRA, 2008). Considera-se que o ano de 1972 constitui um marco para a pesquisa em Enfermagem no Brasil, pois foi a partir deste ano que surgiram os cursos de mestrado. Este fator desencadeou naturalmente um aumento na produção de conhecimento em função da obrigatoriedade de apresentação de uma dissertação como conclusão de curso (TREVIZAM; MENDES; ANGERAMI, 1991). Portanto, o aumento do volume de dissertações foi o fator determinante de transformação nesta área. Em consequência, surge uma nova feição do instrumental de trabalho da Enfermagem, metodologicamente orientado e não mais restrito ao aspecto técnico.

Os grandes projetos de pesquisa começam a surgir no final dos anos 80 e percorrem toda a década de 90. Almeida, Rodrigues, Fuguerato e Schochi (2002), ressaltam que essa foi a época que o ensino universitário no país passou por graves dificuldades devido ao ajuste econômico do país e à reforma do Estado e da Previdência Social com as privatizações, enxugamento do quadro de funcionários e aposentadoria precoce de grande número de docentes universitários.

“Esta situação conjuntural do ensino público em nível superior repercutiu de maneira mais acentuada na enfermagem, pois naqueles 20 anos de pós-graduação (1970-1990) não houve uma política deliberada de formação do corpo docente em nível de doutorado na enfermagem. Quase todos os doutores em enfermagem concentravam-se na região sudeste. Somente em meados de 90, houve uma grande mobilização das Escolas de Enfermagem para a qualificação de seu corpo docente. Assim, surgiram de várias regiões do país, solicitações aos cursos da região sudeste, de assessoria para a implantação da pós-graduação (ALMEIDA; RODRIGUES; FUGUERATO; SCOCHI, 2002, p. 285).

A pós-graduação realmente veio a se consolidar a partir de 2000, quando se deu a inserção do Brasil na economia mundial através do desenvolvimento científico-tecnológico, fato que levou o governo a rearticular ações de maneira a induzir o desenvolvimento científico, através de agências como o CNPq. Neste contexto, Oliveira e Bianchetti (2006) enfatizam a política de formação de recursos humanos em pesquisa científica.

Sobressai-se atualmente a política de ‘aligeiramento’, da formação de mestres e doutores com diminuição do período de concessão de bolsas, de modo a colocar um maior número de pesquisadores jovens no mercado de trabalho, podendo eles dispor

de maior tempo de atuação no desenvolvimento de pesquisas nas universidades, empresas e institutos de pesquisa e assim, maior produtividade (OLIVEIRA; BIANCHETTI, 2006, p. 162).

Produtividade, novas linhas de pesquisa todas estas são palavras-chave na atual política da Universidade brasileira. O CNPq tem uma política muito forte sobre a forma de ampliar o parque científico brasileiro: apoiar os jovens, pois o crescimento tecnológico do país está intimamente ligado à maneira com que estes são incentivados a pesquisar. E é nesse contexto que surge a IC como uma porta de entrada para um mundo de aprendizagem, de crescimento profissional e pessoal, por meio de uma investigação (OLIVEIRA; BIANCHETTI, 2006).

O estudante em iniciação científica, de acordo com Erdmann e Lanzoni (2008, p. 320) “é aquele que participa ativamente das linhas de pesquisa desenvolvidas pelo grupo, como parte de suas atividades discentes, sob a orientação de pesquisadores do grupo”. Neste sentido, o aumento gradual da IC no país merece destaque. As bolsas visam incentivar o ingresso e participação de jovens em grupos de pesquisa, preparando os jovens aptos a ingressar no mestrado e doutorado, e assim contribuindo para a diminuição do tempo de formação do pesquisador.

Pensar na formação de novos pesquisadores no interior das universidades e de seus programas de fomento, como o PIBIC, torna-se fundamental para compreender quais competências e habilidades requeridas do professor pesquisador, formador de novas gerações bem como que perfil a formação em pesquisa está apontando e se este atende as demandas da área de enfermagem.

A formação para IC deve superar a dissociação entre as atividades de pesquisa e as demais atividades universitárias. A formação de novos pesquisadores é concebida como um processo que se integra à vida acadêmica e não como atividade livresca baseada na acumulação de informações.

Somente pelo crescimento dinâmico deste nível complexo da qualidade é que seria possível atender às necessidades atuais, aparecendo claramente o papel da pesquisa, da iniciação científica e o papel de todos os mecanismos de fomento à investigação científica como mecanismos fundamentais a partir dos quais pode-se desenvolver uma atividade de pesquisa que não fosse meramente repetitiva, mas que se orientasse pela criatividade, capaz, portanto, de difundir uma nova atitude frente ao conhecimento, uma atitude de questionamento, de crítica e de construção de alternativas para a ciência, para a sociedade e para o Estado.

### 3 MATERIAL E MÉTODO

Tratou-se de uma pesquisa do tipo transversal, descritiva, exploratória com abordagem quantitativa. Como local de pesquisa, optou-se por instituições de Ensino Superior em Enfermagem do estado da Paraíba que possuíam turmas concluintes, sendo selecionadas por critérios de viabilidade a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) Campus I, a Faculdade de Ciências Médicas de Campina Grande (FCM) e a União de Ensino Superior de Campina Grande (UNESC Faculdades), todas no município de Campina Grande/PB. Figuram também entre as escolhidas, as Faculdades Integradas de Patos (FIP) na cidade de Patos/PB, a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) Campus IV e a Faculdade Santa Maria (FSM), estas sediadas na cidade de Cajazeiras/PB.

Optou-se por alunos do último período do Curso por estarem atrelados à elaboração do TCC, além de ser nesse período que as dificuldades, decorrentes do não-desenvolvimento das habilidades investigativas nos anos anteriores manifestam-se com maior intensidade, fato este que propiciou uma valorização maior das respostas ao formulário. A população total de alunos perfazia um total de 278 indivíduos.

A amostra foi constituída por acessibilidade, no qual foram abordados 170 sujeitos dos 154 estipulados de acordo com o cálculo amostral para populações finitas com significância de 95%.

A coleta de dados foi realizada nos meses de outubro e novembro de 2011 no momento anterior ao horário de aulas dos alunos. Os horários foram previamente acordados com as respectivas coordenações. Para alcançar os objetivos da pesquisa, elaborou-se um formulário específico, auto-aplicativo, previamente estruturado com 30 perguntas objetivas e mistas (APÊNDICE A), que tiveram como objetivos traçar o perfil sócio demográfico da amostra, analisar as percepções do aluno sobre pesquisa científica, averiguar se realmente há fomento nas faculdades pesquisadas e verificar se tais alunos efetivamente participam da pesquisa traçando o perfil de produção destes.

O instrumento de coleta ainda passou por uma revisão externa, por docentes com capacitação na temática abordada, sendo também realizado um pré-teste no intuito de validar as questões elaboradas, as quais foram reajustadas de acordo com as dificuldades e/ou distorções eventualmente encontradas.

Os dados foram organizados em um banco no software Epi Info 5.5.2®, e tratados utilizando-se estatística descritiva. Os gráficos e tabelas foram desenvolvidos no Microsoft

Excel 2007®. Em um segundo momento, as respostas das questões mistas foram agrupadas por palavras-chaves e categorizadas conforme a frequência com que apareceram.

No tocante aos aspectos éticos, vale ressaltar que o estudo foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba sob parecer CAAE N°: 0496.0.133.000-11, conforme preconiza resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996). Cabe ainda destacar que os participantes deste estudo foram informados da total liberdade de participar ou não, e de desistir em qualquer das etapas da pesquisa, assinando, caso afirmativo, o termo de consentimento livre e esclarecido. Ao mesmo tempo, foi solicitado através de ofício, autorização à coordenação dos respectivos cursos de graduação para realização da pesquisa.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A pesquisa envolveu 170 indivíduos, sendo 138 (81,2%) mulheres e 32 (18,8%) homens. Seguindo a tendência mundial, a predominância feminina na enfermagem é justificável e compartilhada por outros autores, como Martins, Kobayashi, Ayoub e Leite (2006), que afirmam que tal predominância é reprodução da característica histórica da categoria, profissão exercida quase que exclusivamente por mulheres desde os seus primórdios.

Daher, Espírito-Santo e Escudeiro (2002) explicam que a construção da identidade do enfermeiro passa pela naturalização das funções femininas na família atreladas ao cuidar, que ao longo dos anos foi a atividade relegada a mulher nas sociedades ocidentais modernas. Daí a massiva participação das mulheres neste processo.

A amostra teve extremos etários: idades de 21 a 50 anos foram notificadas com uma média geral de 26,35 anos, sendo que a universidade pública teve a média percentual mais jovem entre os estudados: 24,45 anos, destacando-se a UFCG com a menor média das faculdades pesquisadas: 22,91. Ou seja, o aluno da escola pública ingressa mais cedo na graduação e, desta forma, sai mais precocemente quando se comparado com as instituições privadas, que detém uma média de 27,06 anos.

A média mais elevada nas faculdades privadas se justifica por estes alunos em 28,20% dos casos, possuírem atribuições trabalhistas, seguindo uma tendência nacional. De acordo com o questionário sócio-demográfico aplicado durante o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes da Educação Superior (BRASIL, 2009), cerca de 53,7% dos concluintes do

país terminam a graduação trabalhando, e, se adentram ao curso com vínculo empregatício, não largam o emprego. No quadro pesquisado, cerca de 40,0% dos entrevistados já são profissionais da área da saúde em busca de aprimoramento e graduação. Nas faculdades públicas, apenas 10,90% dos concluintes possuem uma atividade remunerada capaz de prover totalmente seu próprio sustento.

Em uma caracterização sociodemográfica geral da amostra, conforme detalhado na TABELA 01, a predominância foi de graduandos solteiros (72,40%); brancos (51,80%), católicos (75,90%), recebem uma renda mensal de 2 a 3 salários mínimos (38,80%) e cujo principal provedor familiar é funcionário público (43,50%). Na instituição pública a renda dos estudantes foi predominantemente (30,0%) de até 1 salário mínimo.

O movimento de "deselitização" do ensino superior nacional, secundário às políticas de inclusão universitária, também pode ser percebido na Paraíba. Pela média de respostas, alunos predominantemente da classe B e C freqüentam a educação superior em enfermagem.

<b>PERFIL SÓCIO-DEMOGRÁFICO DOS CONCLUINTEs EM ENFERMAGEM NA PB</b>					
<b>Estado de Proveniência</b>	PB	PE	RN	CE	Outro
	71,3%	11,2%	7,7%	4,9%	4,9%
<b>Faixa etária</b>	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos	40 ou mais
	54,4%	25,0%	10,0%	6,9%	3,9%
<b>Raça</b>	Branca	Parda	Negra	Amarela	Não sei
	51,8%	39,4%	4,1%	1,8%	0,6%
<b>Estado civil</b>	Solteiro	Casado	Divorciado	Viúvo	Outro
	72,4%	22,4%	4,1%	-	1,2%
<b>Religião</b>	Católica	Evangélica	Kardecista	Outra	Não tenho religião
	75,9%	17,6%	2,9%	-	3,5%
<b>Ocupação do responsável</b>	Func. Público	Autônomo	Aposentado	Empresário	Outras
	43,5%	20,0%	14,7%	8,8%	13,0%
<b>Renda</b>	Até 1 salário	2 a 3 salários	4 a 6 salários	Não tenho renda	Não sei
	30,0%	38,8%	7,1%	15,9%	8,2%

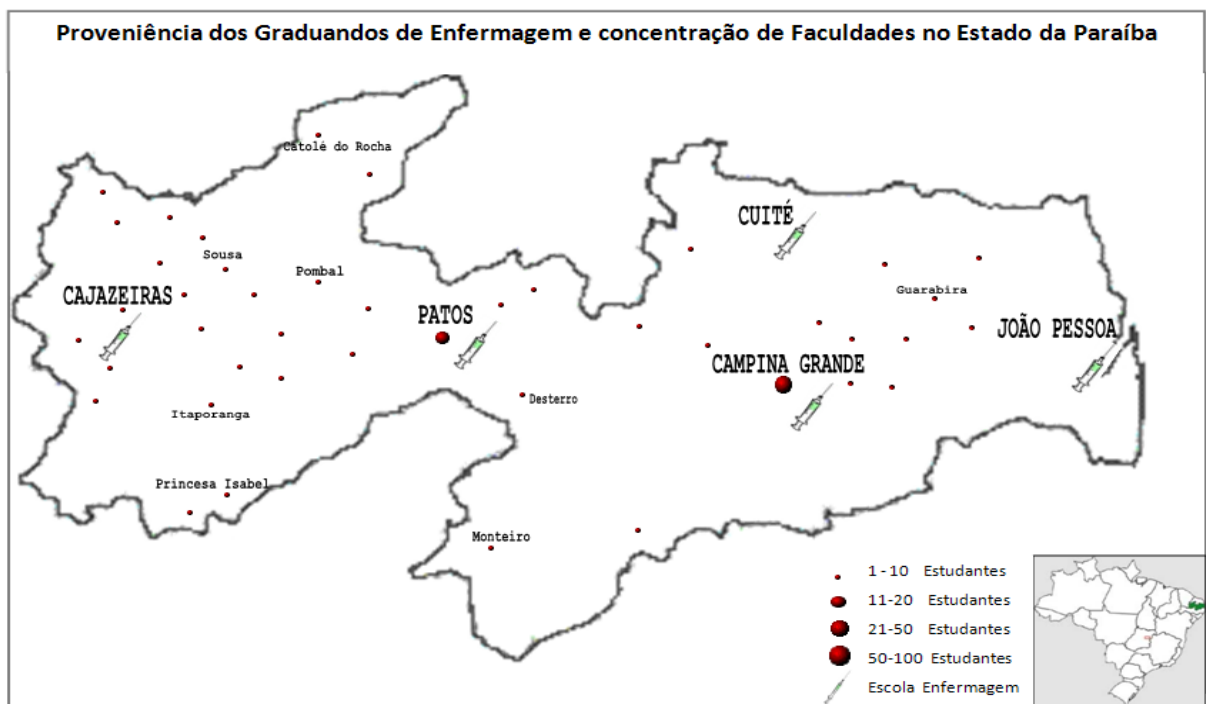
**TABELA 01** – Discriminação dos parâmetros sócio-demográficos dos concluintes de Enfermagem de instituições de ensino superior do Estado da Paraíba

No tocante à distribuição do número de alunos por instituição, o total de alunos matriculados em escolas de enfermagem privadas é maior que nas públicas, o que pode ser explicado pelo maior número de vagas nos vestibulares e um maior quantitativo de escolas.

Nas faculdades privadas a distribuição ficou assim caracterizada: FIP (25,90%), UNESC (17,60%), FSM (16,5%) e FCM (12,90%), enquanto que nas públicas, UEPB (19,40%) e UFCG (7,60%).

Nas instituições particulares, 73,70% dos estudantes são provenientes do próprio estado. Nas públicas, 65,90% são estudantes paraibanos. A Figura 01 exemplifica a distribuição geográfica das localidades das quais os acadêmicos concluintes são advindos, dentro do estado da Paraíba e a disposição das cidades que tem escolas de ensino superior de enfermagem.

O estado possui 12 faculdades de enfermagem, que formam aproximadamente 1.100 enfermeiros para o mercado de trabalho por ano, sendo cerca de 550 por período. Os cursos de enfermagem na Paraíba têm uma procura considerável e figuram sempre entre os mais concorridos nos vestibulares. Em nível nacional, enfermagem é 5º curso com maior número de matriculados: 235,8 mil matrículas ativas (BRASIL, 2009).



**FIGURA 01** – Distribuição geográfica da proveniência dos estudantes de enfermagem e a concentração de Faculdades de Enfermagem no Estado da Paraíba

Na segunda parte do formulário os concluintes foram questionados sobre suas opiniões e preferências sobre pesquisa científica. A extensa maioria, ou seja, 98,20%, afirmou que era importante fazer pesquisas científicas na enfermagem. As respostas quando agrupadas de acordo com a frequência com que apareciam revelou que um total de 54,40% dos concluintes

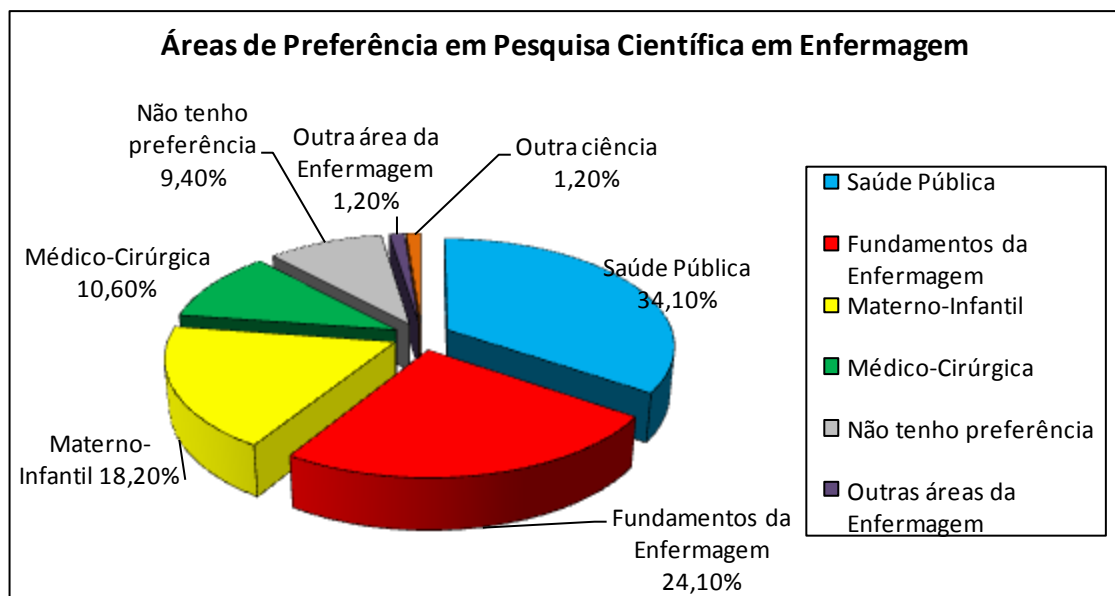


ratificou a importância da pesquisa na enfermagem para uma *aquisição, aprimoramento e atualização dos conhecimentos*; 22,10% para *desenvolver e solidificar a enfermagem como ciência* e 16,90% para *construção de paradigmas que viabilizem melhorias no ensino e na prática da profissão*. Cerca de 6,60% dos concluintes ainda citaram outros motivos pelos quais a pesquisa tem sua importância, dentre estes destaca-se a *resolubilidade nos problemas da saúde brasileira*.

Estando clara a importância da pesquisa, perguntou-se aos estudantes se gostavam de pesquisar cientificamente. Assim, 87,8% (148 pessoas) afirmaram que gostam de pesquisar, sendo que 51,20% *de vez em quando*, 24,70% *frequentemente* e 11,90% *sempre*. Apenas 11,90% *não* pesquisam.

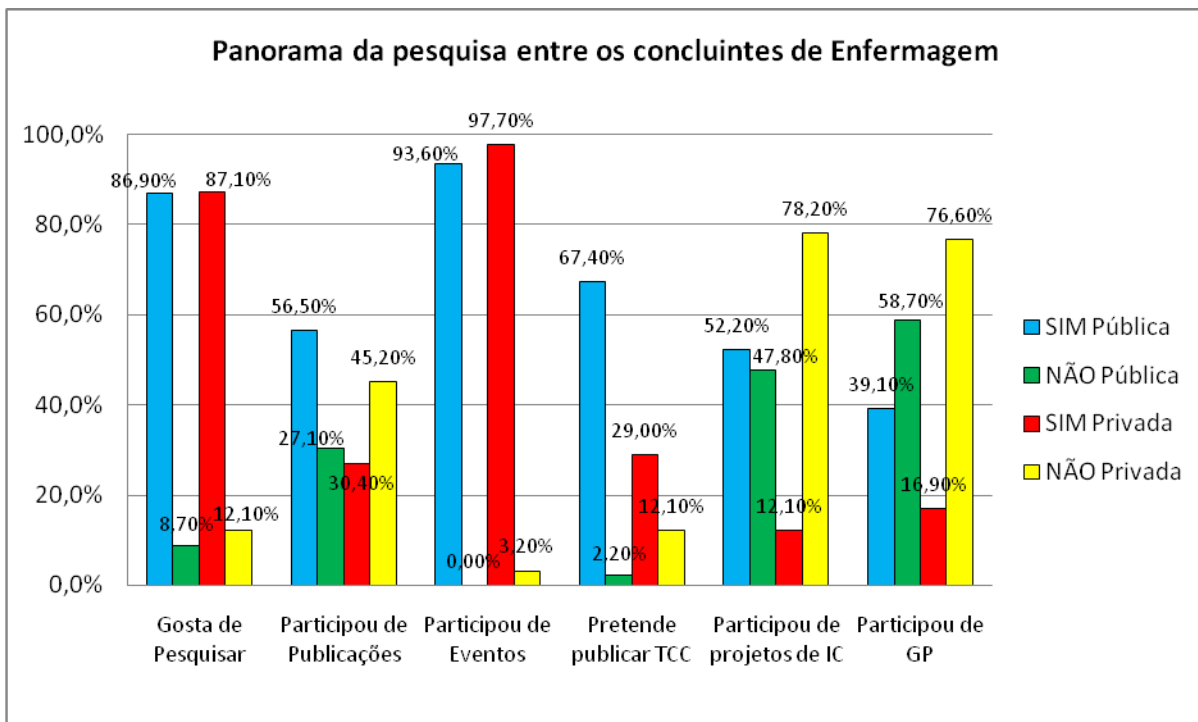
A preferência se dá em investigações na área de Saúde Pública, conforme explicitado na Figura 02, confirmando a tendência da ascensão dos estudos em saúde coletiva.

O foco atual em Saúde Pública se dá pela nova forma de fazer saúde, através da indução de prioridades de estudos sobre pobreza, desigualdades sociais e saúde; doenças infecciosas novas, emergentes e re-emergentes; saúde do idoso e doenças não transmissíveis; saúde e meio ambiente; ciência e tecnologia em saúde; saúde do trabalhador; sistemas e políticas de saúde subsidiando assim novos pontos de partida para projetos que posteriormente busquem o aprofundamento e o alcance de novas conclusões (LEITE; MENDES, 2000).



**FIGURA 02** – Gráfico da representação percentual das áreas de preferência em pesquisa científica dos concluintes de graduação em Enfermagem no Estado da Paraíba

Pela média geral dos resultados, a Figura 03 detalha o quadro geral e as representações percentuais do que seria o real envolvimento do concluinte na pesquisa científica.



**FIGURA 03** – Gráfico da representação percentual do panorama da pesquisa científica entre concluintes de graduação em Enfermagem de instituições públicas e privadas do Estado da Paraíba

Apenas 35,30% dos concluintes de enfermagem *participaram de trabalhos que culminaram em publicação* quer seja ela em eventos ou periódicos. 94,10% *participaram de eventos científicos* durante a graduação. Parte dos eventos científicos (45,90%) foram locais e provavelmente promovidos pela própria instituição, e (34,70%) regionais.

Verificou-se que somente 34,40% dos entrevistados *pretendem publicar o TCC*. Quando perguntados *onde pleiteariam uma publicação*, 49,3% sinalizaram vagamente que o propósito era uma publicação em periódico científico. Apenas 7,5% apontaram especificamente as revistas, como a *Revista Brasileira de Enfermagem* (40,0%), a *Revista Brasileira de Saúde Pública* (20,0%), *Revista da Escola de Enfermagem da USP* (20,0%) e a *Revista Brasileira de Saúde Materno-Infantil do IMIP* (20,0%), demonstrando uma noção de Qualis, ou seja, do conjunto de procedimentos utilizados pela CAPES para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação.

Dos participantes da pesquisa, 22,90% *participaram de projetos que envolvem IC* (PIBIC, PIVIC, PIBID, PIBITI, PROPESQ, PET, outros). Entretanto, em estudo realizado junto ao ENADE em 2004, 20% dos concluintes de diversos cursos de graduação de todo o país consideram que os projetos de IC tiveram pouca ou nenhuma participação na sua

formação, fato semelhante ao quadro evidenciado pelo estudo, respeitadas as devidas proporções. Por fim, 30% desses alunos não participaram de qualquer atividade dessa natureza durante o curso (TENÓRIO; BERALDI, 2010).

Verificou-se que vários estudantes ao se depararem com siglas como PIBIC, sinalizavam desentendimento, sendo este ainda um termo incomum dentro das faculdades, principalmente particulares. Assim, apesar de ser um projeto já disseminado no país, a IC é recente e, portanto carece de tempo para maior estruturação e abrangência.

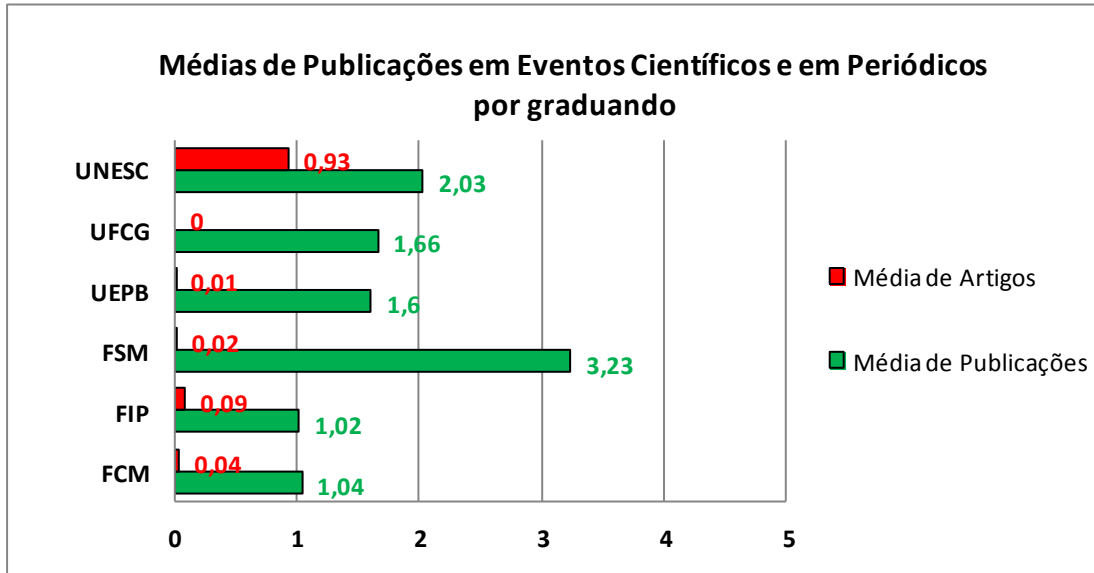
Ainda sobre a participação dos alunos em pesquisas, 22,90% das respostas apontaram que os concluintes *participaram de Grupos de Pesquisa reconhecidos pelo CNPq*. Segundo Pagliuca (2009), a gênese dos grupos de pesquisa se dá a partir do fruto do trabalho intelectual gerado no pensador e na necessidade do compartilhamento, de contar para o outro o que descobriu e discutir suas certezas, mas principalmente suas dúvidas. É também a gênese dos encontros científicos, seminários, congressos. Ao longo dos séculos, o processo de construção da ciência vai se modificando e há uma ampliação do saber. Dessa forma, a economia da produção científica torna-se coletiva.

Os grupos de pesquisa fornecem o suporte necessário de infra-estrutura para as atividades científicas dos enfermeiros, graduandos e pós-graduandos, a oportunidade de trabalho integrado e a possibilidade de incremento do potencial de produção científica. No Brasil, os conhecimentos são organizados em áreas de concentração e linhas de pesquisa. A atual tendência da pós-graduação no Brasil caracteriza-se pelo incentivo e direcionamento da produção do conhecimento às respectivas linhas, sistematizando a produção do saber dentro dos grupos de pesquisa, que se tornarão o verdadeiro lócus das investigações e estudos científicos (PEREIRA; INOCENTTI; SILVA, 1999).

Da amostra, 45,90% *possui currículo na plataforma Lattes* e destes, menos da metade (48,80%) mantém o *Lattes atualizado*. Percebe-se que o Lattes é um medidor indireto do reflexo da produção científica. Deduz-se que um aluno que não tem um currículo Lattes não participa efetivamente de investigações científicas. Durante a coleta, o termo “Currículo Lattes” também mostrou-se estranho para várias pessoas, fato evidenciado nos 41,20% que disseram não possuir o currículo e nos 12,90% que simplesmente ignoraram a pergunta.

Numa terceira e última parte do formulário, a intenção foi traçar o perfil de publicação destes concluintes na tentativa de um diagnóstico concreto da realidade. A Figura 04 revela as médias de publicações por instituição. A média geral foi de 1,73 resumos e de 0,25 artigos por aluno pesquisado, assim, 110 alunos (75,30%) não tinham sequer um resumo publicado e 148

(93,70%) nunca publicou um artigo. Das publicações, 35,60% foram *resumos*, 32,20% *apresentações orais* e 18,80% *resumos expandidos*.



**FIGURA 04** – Gráfico da discriminação das médias de publicação de resumos e artigos científicos por aluno nas instituições de ensino superior de Enfermagem na Paraíba

Das 60 pessoas que afirmaram possuir publicação, 50,0% (30 pessoas) eram vinculadas a algum projeto com finalidade científica e 33,33% (20 pessoas) participaram de grupos de pesquisa. De toda a amostra, somente 9,40% *pretende continuar na pesquisa* e adentrar em um mestrado e na docência, 58,80% dos alunos querem se *especializar em uma área* ou *fazer alguma residência* e 23,50% querem de imediato *entrar no mercado de trabalho* e na assistência. Tem-se então um quadro de formação tecnicista.

Segundo Palmeira e Rodrigues (2008), esse cenário não é o desejado para a profissão, pois a sociedade necessita de enfermeiros críticos e reflexivos, capazes de transformar a prática em uma constante construção de novos conhecimentos, que venham a elevar cada vez mais o nível de formação e o poder de transformação do enfermeiro, assim como do *status quo* da instituição.

Por outro lado, a globalização da economia exige enfermeiros com um perfil profissional que lhes possibilite construir sua própria cultura, seu corpo de conhecimentos e habilidades, divulgar seus resultados e romper paradigmas teóricos, imprimindo à profissão um caráter humanista e social e não somente tecnicista.

Averiguo-se se havia estímulo, se realmente existia um incentivo para a pesquisa. 37,60% dos graduandos disseram que o *incentivo por parte da faculdade era bom*, 28,20% *regular* e 10,60% disseram que era *ruim*.

Elencando-se a frequência de respostas, obteve-se 56,30% dos estudantes achando que *falta estímulo por parte da faculdade, docentes, onde a divulgação e estímulo para pesquisa eram deficientes*, e 25,30% achando que o *incentivo era satisfatório*. De acordo com o questionário socioeconômico do Enade (BRASIL, 2009), cerca de metade das instituições de ensino superior apóiam a IC apenas com a dispensa de aulas. Somente 25% fornecem recursos para financiamento. Esses dados revelam que as pesquisas nos cursos de graduação recebem auxílio restrito, seja financeiro ou institucional. (TENÓRIO; BERALDI, 2010).

Nisso, foi também constatado que 77,60% dos alunos *não recebem bolsas de incentivo*. A média de bolsas foi de 1,7 meses de bolsa por aluno de enfermagem. Verificou-se também que aqueles que já possuíam bolsa, a recebiam por um período 16,05 meses em média, não havendo assim rotatividade e maior disseminação da IC.

O processo de construção de conhecimentos passa pela possibilidade de dispor de recursos humanos competentes no processo investigativo, no domínio dos diferentes métodos de investigação.

A Enfermagem necessita incrementar a produção de conhecimentos através da pesquisa para maior visibilidade, reconhecimento e consolidação da profissão como ciência, tecnologia e inovação. Isto se reflete na sua melhor qualificação do ensino nos níveis de graduação e pós-graduação, o qual se orienta por uma prática de cuidado responsável com a vida e saúde do cidadão, promovendo o seu viver em melhores condições de saúde.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dos dados dessa investigação, espera-se ter incitado indagações e questionamentos que venham servir de estímulo e ponto de partida para novas reflexões e abordagens sobre o assunto em questão, que logicamente ainda é pouco explorado.

Percebe-se que a maioria dos participantes afirmou que era importante fazer pesquisas científicas na enfermagem; mas por vezes não a pratica. A área de maior preferência em investigações foi a Saúde Pública. Os alunos das escolas públicas participam, em sua maioria, de publicações, projetos de IC e grupos de pesquisa. Detectou-se que as instituições públicas são as que dão maior ênfase na formação em pesquisa, contudo há questionamentos que sinalizam para uma quantidade insuficiente de profissionais para um crescimento mais expressivo. Constatou-se que o aluno concluinte de enfermagem tem sua formação predominantemente voltada para assistência.

Faltam professores pesquisadores e de maior titulação, que disponham de novos métodos de investigação, que desenvolvam linhas nas diferentes áreas, incentivando o alcance de novos patamares tanto teórico-filosóficos como em pesquisas clínicas ou práticas, que resultem na produção de novos saberes de ciência avançada, de tecnologia de alto impacto, de publicações em periódicos qualificados.

Para isso, estudos como estes são acima de tudo pertinentes e essenciais na tentativa de mensurar o estímulo que é dado à pesquisa onde ela é essencial: na graduação. O ápice, o coroamento desta prática na academia é o TCC, mas a IC deve iniciar-se cedo e nisso constatamos que há déficits a serem superados.

É dentro desta perspectiva que a inserção precoce do aluno de graduação em projetos de pesquisa, o incentivo aos jovens criativos na participação das atividades de iniciação científica, a modernização da formação do enfermeiro, se tornam instrumentos valiosos para aprimorar qualidades desejadas em um profissional de nível superior, bem como para estimular e iniciar a formação daqueles mais vocacionados para a pesquisa.

Conclui-se que o mais importante, atualmente, é conscientizar todos que fazer pesquisa durante a graduação em enfermagem, é um excelente momento para aprendizagem, propicia crescimento profissional sendo uma forma de se aprimorar o conhecimento, e também realização profissional e pessoal.

## ABSTRACT

GOMES, F. C. **The scientific production of nursing program graduates from institutions of higher education in Paraíba.** 2011. 28 pages. Completion of Course Work. Department of Nursing, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.

It is a cross-sectional research, descriptive, exploratory with qualitative approach, carried out in institutions of higher education in nursing in the state of Paraíba, which aimed to analyze the sociodemographic profile of nursing graduates, analyze the students perceptions about scientific research, find out if there is really fostering in the surveyed colleges. The sample consisted of 170 subjects Who answered a survey form during the months of October and November of 2011. It was used Epi Info software for the organization of data, that were processed by descriptive statistics, and analyzes in the light of relevant literature to the topic. Most participants (98,20%) Said it was important to make scientific research in nursing; 87,8% like researching and their preferred area of research was public Health (34,10%).Students from the public school participate, most part of them, of publications, IC projects and research groups. It was found that the public institutions are giving greater emphasis on research formation, however there are doubts that Herald to na insufficient number of professionals to a more significant increase. It is worth noting that the graduation is na excellent moment to the formation of professionals oriented to research cativities.

**KEYWORDS:** Nursing Research. Education in Nursing. Students of nursing.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. C. P. de; RODRIGUES, R. A. P; FUGUERATO, A. R. F; SCOCHI, C. G. S. A Pós-Graduação na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – USP: Evolução Histórica e sua contribuição para o Desenvolvimento da Enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** vol. 10, nº 3, p. 276-87, maio-junho, 2002;
- ARAÚJO, K. M; BRANDÃO, M. A. G.; LETA, J. Um perfil da produção científica de enfermagem em Hematologia, Hemoterapia e Transplante de medula óssea. **Acta Paulista de Enfermagem**. São Paulo, vol. 20, nº 1, p.83. Janeiro-Março, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v20n1/a14v20n1.pdf>> Acessado em agosto de 2010.
- AVELAR, M. C. Q; TEIXEIRA. M. B; SILVA, A, SABATÉS, A, L. O ensino dos métodos de investigação científica numa universidade particular. **Revista Escola Enfermagem da USP**. Vol. 41, nº 3, p. 460-467, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v41n3/17.pdf>> Acessado em setembro de 2011.
- BACKS, V. M. S; LINO, M. M. **Desafios** na Pesquisa em educação em enfermagem no âmbito brasileiro. **Revista Cogitare Enfermagem**, vol. 14, nº 4, pp. 607-611. Outubro-Dezembro, 2009. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/viewFile/16372/10853>> .
- BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Censo da Educação Superior: Resumo Técnico. Brasília, **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais**, 2009. Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2009/resumo\\_tecnico2009.pdf](http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2009/resumo_tecnico2009.pdf)>
- BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Resolução 196 de 10 de outubro de 1996. Diretrizes e Normas Regulamentadoras Sobre Pesquisa Envolvendo Seres Humanos. Brasília, **Diário Oficial da União, Conselho Nacional de Saúde**, 1996.
- BRASIL, MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO. Doutores 2010: estudos da demografia da base técnico-científica brasileira. Brasília, **Centro de Gestão e Estudos Estratégicos**, 2010.
- CAVALCANTI, A.L; PEREIRA, D. S. A. Perfil bolsista de produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e tecnológico CNPq na área de Odontologia. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, vol. 5, nº 9, p. 67-88, dezembro de 2008.
- COMTE-SPONVILLE, A. **Dicionário Filosófico**. Tradução: Eduardo Brandão. – São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DAHER, D. V; ESPÍRITO SANTO, F. H do; ESCUDEIRO, C. L. Cuidar e Pesquisar: Práticas Complementares ou Excludentes? **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Vol. 10, nº 2, p. 145-50, março-abril, 2002.
- ERDMANN, A. L. A necessidade de atingirmos novos patamares na pesquisa de enfermagem. **Revista Acta Paulista de Enfermagem**, vol. 22, nº 2, p. 22-24, 2009.



Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002009000200001&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002009000200001&script=sci_arttext)>. Acessado em setembro de 2011.

ERDMANN, A. L; LANZONI, G. M. de M. Características dos Grupos de Pesquisa da Enfermagem Brasileira Certificados pelo CNPq De 2005 A 2007. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, vol. 12, nº 2, p. 316 – 322, junho 2008;

ERDMANN A. L; LEITE, J. L; NASCIMENTO, K. C; LANZONI, G. M. M. Vislumbrando O Significado Da Iniciação Científica A Partir Do Graduando De Enfermagem. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem** vol. 14 nº. 1, p. 26-32 janeiro-março, 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=127712632005>> Acessado em setembro de 2011.

FERNANDES, A. de S; PELÁ, N. T. R. A vivência dos formandos em enfermagem e obstetrícia na elaboração de sua monografia. **Revista do Centro Universitário Barão de Mauá**, vol.1, nº.2, julho-dezembro, 2001. Disponível em: <<http://www.baraodemaua.br/comunicacao/publicacoes/jornal/v1n2/artigo06.html>>. Acessado em agosto de 2010.

FILHO, N. A; COUTINHO, D. Nova arquitetura curricular da universidade brasileira. **Ciência e Cultura: Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência**. Campinas, vol. 63, nº 01, p. 4-5, janeiro-março, 2011.

LEITE, J.L.; MENDES, I.A.C. Pesquisa em enfermagem e seu espaço no CNPq. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**. Vol. 4, nº. 3, p. 389-394, 2000. Disponível em: <<http://gepecopen.eerp.usp.br/files/artigos/Artigo80fin.pdf> >. Acessado em setembro de 2011.

MACARRI, E. A; RODRIGUES, L. C; ALESSIO, E. M; QUONIAN, L. M. Sistema de avaliação da pós-graduação da CAPES pesquisa-ação em um programa de pós-graduação em Administração. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, vol. 5, nº 9, p. 171-205, dezembro de 2008.

MARTINS, C; KOBAYASHI, R. M; AYOUB, A. C; LEITE, M. M. J. Perfil do enfermeiro e necessidades de desenvolvimento de competência profissional. **Texto & Contexto Enfermagem**, Universidade Federal de Santa Catarina, vol. 15, nº 3, pp. 472-478, julho-setembro, 2006. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/714/71415312.pdf>> Acessado em setembro de 2011.

MARZIALE, M. H. P. Produção Científica da enfermagem Brasileira: A busca pelo impacto internacional. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. vol. °13, nº. 13. pp. 285-287, maio-junho, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v13n3/v13n3a01.pdf>> Acessado em agosto de 2010.

MONTEIRO, V. Produção científica precisa de estímulos no novo marco legal para acompanhar avanço do PIB. **Jornal da Ciência da Sociedade Brasileira para o progresso da Ciência e-mail nº 4301**, de 15 de Julho de 2011. Disponível em: <<http://www.jornaldaciencia.org.br/Detailhe.jsp?id=78409>> Acessado em agosto de 2011

OLIVEIRA, D. Brasil sobe duas posições em ranking de produção científica e chega a 13º do mundo. **Jornal da Ciência da Sociedade Brasileira para o progresso da Ciência e-mail nº**

3755, de 06 de Maio de 2009. Disponível em:

<<http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe.jsp?id=63246>> Acessado em agosto de 2011.

OLIVEIRA, A. O; BIANCHETTI, L. CNPq: Política de fomento à pesquisa nos governos Fernando Henrique Cardoso. **Perspectiva**, Florianópolis, vol. 24, nº. 1, p. 161-182, janeiro-julho, 2006.

PAGLIUCA, L. M. F. Editorial: A economia da produção científica. **Ciência, Cuidado e Saúde**. Vol. 8, Nº 1, 2009.

PEREIRA, L. de O; INOCENTI, A.; SILVA, G. B. da. A iniciação científica na graduação em enfermagem da Universidade de São Paulo (1993 a 1996): análise crítica. **Revista latino-americana de enfermagem**, Ribeirão Preto, vol. 7, nº 3, p. 77-86, julho, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v7n3/13479.pdf>>. Acessado em agosto de 2010.

POLLIT, D. F; BECK, C. T; HUNGLER, B. P. e colaboradores. **Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem – Métodos, avaliação e utilização**. Título original: Essentials of nursing research: methods, appraisal and utilization. Tradução de Ana Thorerell. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROCHA NETO, I. Prospectiva da Pós-Graduação no Brasil (2008-2022). **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, vol. 7, nº 12, p. 58 - 79, julho de 2010.

SOUZA, V. Saúde lidera produção científica no Brasil. **Saúde Bussines Web**, 18 de março de 2011. Disponível em: <<http://www.saudebusinessweb.com.br/noticias/index.asp?cod=7672>> Acessado em agosto de 2011.

TEIXEIRA, E; VALE, E. G; FERNANDES, J.D; De SORDI, M. R. L. Trajetória e tendências dos Cursos de Enfermagem no Brasil. **Revista Brasileira de Enfermagem**, vol 59, nº 4, p. 479-487, julho-agosto, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v59n4/a02v59n4.pdf>> Acessado em julho de 2011.

TENÓRIO, M. P; BERALDI, G. Iniciação Científica no Brasil e nos cursos de Medicina. **Revista da Associação Medicina Brasileira**; vol. 56, nº 4, p. 375-93, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ramb/v56n4/07.pdf>> Acessado em setembro de 2011.

TREVIZAN, M.A.; MENDES, I.A.C.; ANGERAMI, E.L.S. A investigação em Enfermagem no Brasil. **Revista Paulista de Enfermagem**, vol.10, nº3, p.91-95, setembro-dezembro, 1991.

---



**12 – Qual sua “grande área” de preferência em pesquisas científicas em enfermagem? (apenas 1 opção)**

- Fundamentos da Enfermagem (*Semiologia, administração, nutrição, emergência, UTI, metodologia e afins*)  
 Médico-Cirúrgica (*Cirúrgica, CME, CCIH, clínica, SAE e afins*)  
 Materno-Infantil (*Saúde da mulher, da criança e afins*)  
 Saúde pública/coletiva (*SUS, saúde coletiva, do homem, do idoso, mental, do trabalhador e afins*)  
 Outra área da enfermagem. Qual? \_\_\_\_\_  
 Não tenho preferência  
 Prefiro pesquisar em outra ciência. Qual? \_\_\_\_\_

**13 – Como você avalia o incentivo à pesquisa em Enfermagem na sua faculdade?**

- Excelente                       Ruim  
 Bom                                 Péssimo  
 Regular                           Não sei

Por quê? Explique melhor: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**14 – Você pretende publicar seu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC?**

- Sim. Onde? \_\_\_\_\_  
 Não  
 Ainda estou decidindo

**15 – Depois da graduação, a sua prioridade é:**

- Investir em especializações/residências  
 Adentrar no mercado de trabalho (Assistência)  
 Continuar na Pesquisa (Mestrado) e ser docente  
 Outro  
 Não pretendo continuar na enfermagem

**4 – Questões sobre seu PERFIL DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA****16 – Durante a graduação você participou de Grupos de Estudos reconhecidos pela sua faculdade e/ou pelo CNPq?**

- Sim                       Não                       Ignorado

Se sim, qual? \_\_\_\_\_

**17 – Você possui currículo na plataforma Lattes do CNPq? (Se NÃO, passe a questão 19)**

- Sim                       Não                       Ignorado

*18 – Seu currículo Lattes está atualizado?*

- Sim    Não    Ignorado

**19 – Na sua instituição há bolsas e programas de financiamento de pesquisas (Pibic, Pivic, Propesq, Pet, Pibid, Pibiti, Monitoria)?**

- Sim                       Não                       Não sei

Se sim, quais? \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**20 – Você alguma vez participou de um Programa de Iniciação Científica (Pibic, Pivic, Propesq, Pet, Pibid, Pibiti, Monitoria)?**

- Sim                       Não                       Não lembro

Se sim, quais? \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**21 – Tem (teve) auxílio financeiro do tipo bolsas de Iniciação Científica, bolsas de Extensão, PET ou outras? (Se NÃO, passe a questão 24)**

- Sim                       Não                       Não lembro

*22 – Qual(is) o(s) tipo(s) de Bolsa você teve?*

*23 – Por quanto tempo você recebeu a(s) bolsa(s)?*

**24 – Participou de trabalhos que culminaram em publicação científica? (Se NÃO, passe a questão 30)**

- Sim                       Não                       Não lembro

*25 – Quantas publicações você tem?*

*Ao todo tenho (nº) \_\_\_\_\_ publicações.*

- Não lembro

*26 – As publicações foram em sua maioria em*

- Apresentações sem anais  
 Eventos científicos com anais  
 Periódicos/Revistas científicas  
 Jornais ou Revistas (magazines)  
 Outro  
 Ignorado

*27 – Que tipo de trabalho você mais publicou?*

- Resumos  
 Resumos Expandidos  
 Apresentações Orais  
 Trabalhos completos  
 Outro

*28 – Quantos artigos científicos foram publicados por você?*

*Publiquei (nº) \_\_\_\_\_ artigos.*

- Não lembro    Nenhum

*29 – Em qual periódico?*

*Na revista \_\_\_\_\_*

**30 – Os eventos científicos que você mais participou durante a graduação, foram de cunho:**

- Local  
 Regional  
 Nacional  
 Internacional  
 Não participei de eventos científicos  
 Não lembro